



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020**

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NEGRO NA FILOSOFIA DE ACHILLE MBEMBE

Rogério Lima de Almeida¹; Laurenio Leite Sombra²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rolima0201@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Negro; identidade; modernidade.

INTRODUÇÃO

A investigação almejou formular, a partir de uma análise conceitual, uma resposta filosófica ao seguinte questionamento: quais as delimitações conceituais para a constituição do sujeito *Negro* na filosofia de Achille Mbembe, mais especificamente na obra *Crítica da Razão Negra*? Este questionamento base está diretamente vinculado a outra problematização: como esta constituição é diretamente relacionada à própria constituição da *modernidade/colonialidade* e do *capitalismo*? A resposta englobando esse segundo aspecto seria fundamental para a formulação, pois, em investigação anterior, havia sido constatada a existência de uma profunda vinculação entre *identidade racial*, *modernidade* e *capitalismo*. Sendo assim, o objetivo geral do trabalho foi investigar os processos e estruturas fundamentais que embasam a constituição do sujeito Negro na filosofia de Achille Mbembe. Já como objetivos específicos tivemos: analisar o conceito Negro na filosofia de Mbembe; investigar o conceito de *homem-mercadoria*; analisar a construção da ideia de *razão negra* em Mbembe; investigar a relação entre *resistência* e *identidade* na constituição do negro na modernidade; pensar conceitualmente a relação entre o Negro, o capitalismo, a colonialidade e a modernidade. Apesar de Mbembe (2014) ser tomado como ponto de partida, a investigação também estabeleceu diálogo conceitual com formulações contidas em Quijano (1992 e 2005), Sombra (2015 e 2017). A discussão proposta se mostrava importante porque, além de contribuir para o fortalecimento e expansão do projeto de pesquisa do orientador, ao qual o plano de trabalho estava vinculado, seria possível, a partir da formulação alcançada para responder ao questionamento, também contribuir para reposicionar a pesquisa filosófica desenvolvida na UEFS frente as novas discussões da área, pois o filósofo a ser utilizado na investigação não pertence aos cânones da filosofia (tipicamente ocidental, como se sabe). Já com relação à temática, é possível afirmar que as discussões decorrentes da pesquisa contribuem socialmente para um dos debates mais atuais da sociedade brasileira, que é sobre as relações raciais e as desigualdades delas decorrentes.

MATERIAIS E METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de que a filosofia é um processo reflexivo que trabalha a partir de “conceitos ou sistemas de conceitos em torno de fundamentos [...] ou questões últimas do humano, desenvolvidos por meio de processos argumentativos” (Sombra, 2012, p. 17), a investigação se deu a partir de conceitos centrais. A metodologia utilizada, como é típico no campo da filosofia, foi a pesquisa bibliográfica, sendo assim os procedimentos utilizados foram leitura, reflexão e produção de fichamentos comentados a fim de identificar as teses e argumentos dos textos. A leitura e análise de Mbembe (2014) se deu a partir de termos centrais relacionados aos objetivos específicos. Foram também analisados textos que comentam a obra central e/ou a filosofia desenvolvida pelo autor. Estes textos foram: Medeiros (2018), Noguera (2018), Lima (2018), Pereira (2017), Robyn (2017), Mbembe (2016). Após o término das leituras, escritas dos fichamentos e discussões com o orientador, foi elaborado um esboço, uma espécie de “lego conceitual”, para a escrita do artigo que contém a formulação filosófica proposta como resposta ao questionamento. No processo de escrita, foram revisitados textos trabalhados em pesquisa anterior e que possuíam potência para auxiliar na formulação, a saber: Quijano (1992), Quijano (2005), Sombra (2015) e Sombra (2017).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao relatório da pesquisa foi anexado, como principal produto da investigação, um artigo formatado para submissão em periódico da área. Nele é apresentada uma discussão com teor filosófico que elabora uma formulação em resposta ao questionamento da pesquisa. Sendo assim, a partir de Mbembe (2014) e em diálogo com os conceitos filosóficos de Quijano (1992 e 2005) e Sombra (2015 e 2017), bem como com formulações de autores que contribuíram de forma complementar para a investigação, Alcoff (2016), Almeida (2019), Ribeiro (2017) e Sodré (2017), foi possível pensar, de forma argumentativa, os processos e estruturas fundamentais que embasam a constituição do Negro.

A partir das discussões da investigação, é possível percebermos que a modernidade frequentemente é tida como um “novo tempo do mundo” (Mbembe, 2019, p. 61), significando, a partir de uma perspectiva eurocêntrica, um marco do que é mais avançado. No entanto, ela não deve ser vista apenas como um período histórico que representa o avanço da humanidade, mas também como um fenômeno espacial que estabeleceu uma nova “geografia do poder” (Quijano, 2005), fenômeno este que é o responsável por novas constituições e configurações nas relações entre os sujeitos ao redor do globo terrestre. Ao fenômeno *modernidade* estão associados outros, como *capitalismo*, *colonialismo* e a ideia de *raça*.

Como aponta Mbembe (2014, p. 102), “enquanto não compreendermos que o seu [modernidade] advento coincide com o surgir do *princípio de raça* e com a lenta transformação deste princípio em paradigma principal [...] para as técnicas de dominação”, qualquer crítica à modernidade permanecerá inacabada, sendo assim, falar da modernidade sem discutir a raça, que é um dos seus elementos constitutivos, é correr o risco de uma análise insuficiente, do ponto de vista filosófico, sobre o que é a própria modernidade e os seus efeitos na constituição de um novo mundo. Assim como discutir

sobre o que é o Negro sem tocar na modernidade como um dos seus fundamentos é correr o risco de não ir fundo sobre o que significa ser Negro.

Sendo assim, a partir de uma perspectiva filosófica, foi elaborada uma pequena discussão sobre o que é o Negro, partindo de como ele é constituído, tendo como base a *modernidade* e a sua associação às ideias de *princípio de raça*, *colonialidade do poder* e *capitalismo*. Como um exercício filosófico, o que a discussão traz não se trata de conclusões propriamente ditas, mas de um processo reflexivo que tenta ir nos fundamentos para responder a uma questão que pretende se estabelecer como filosófica. Dessa forma, é um exercício em andamento de tentativa de formação conceitual.

Com as discussões traçadas, é possível apontar que o Negro é constituído inicialmente a partir de uma imposição do Ocidente e se torna o exemplar mais perfeito do que podemos conceber como “homem-mercadoria”, tendo em vista que um dos principais gatilhos para esse feito ocidental é a exploração do continente americano a fim de alimentar o primeiro capitalismo e a riqueza europeia. No entanto, esse processo é constante e vai se dando de forma persistente por meio de uma imposição da *rede de sentidos* (Sombra, 2017) hegemônica do colonizador, que é fortemente mediada pelo exercício do poder colonial. Poder esse que se baseia na operacionalização da raça e do terror para administrar os povos sob seu domínio, o que leva a crer que a constituição da identidade cujo signo é o Negro resultava na administração dos diferentes povos africanos, bem como dos seus descendentes fenotipicamente mais próximos.

Mas o Negro não é apenas o resultado de uma imposição, apesar deste ser um elemento importante no processo. Também é necessário pontuar o que há de discordância profunda com a rede de sentidos do colonizador o que leva ao conceito de *antagonismo* (Sombra, 2017) que, neste caso, está associado à reação das pessoas que foram forçadas a se identificarem com o signo Negro. Nesta reação, ou melhor, resistência, novos sentidos, inclusive para a identidade Negro, foram sendo construídos também de forma persistente. Essa reação se deu porque, apesar da tentativa de destituição da humanidade, os Negros continuaram sendo sujeitos ativos, mesmo que dentro das limitações estabelecidas pelo poder e pelas relações de mercantilização. Esses novos sentidos englobaram o processo de constituir uma nova existência não objetificada. Sendo assim, a rede de sentidos que vai se constituindo a partir do Negro visa principalmente o estabelecimento de uma “soberania existencial”, e conseqüentemente um modo de ser no mundo a partir dos seus próprios sentidos existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formulação teórica alcançada com a pesquisa consegue articular conceitos filosóficos que são fundamentais para uma reflexão dos processos e estruturas que embasam a constituição do Negro. Apesar de não ser uma formulação plenamente inovadora, ela contribui de forma significativa para uma reflexão filosófica em torno da ideia de Negro, algo que ainda não é comum no campo da filosofia, pois discussões envolvendo o negro como categoria racial são mais frequente nas ciências humanas, sendo assim a temática e a forma de articulação dos conceitos, a partir da filosofia, possui certo caráter inovador.

Neste contexto, a principal conclusão é que Negro é muito mais do que a tonalidade escura da cor da pele, pois numa análise mais profunda é possível percebermos o quanto

é uma categoria envolvida em relações de poder, mais especificamente poder colonial, e o quanto carrega a marca da desumanização. A cor da pele e as demais características fenotípicas ligadas aos povos africanos são na verdade o elemento de diferenciação corporal, um meio pelo qual se identifica os alvos da desumanização e destituição do poder de existir a partir de si próprio. E, com base nisso, realidades vão se constituindo. Realidades que envolvem precariedades existenciais, resistências, terror, subversões, mas também um constante grito de reivindicação de humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, L. M. 2016. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, jan/abr:129-143.
- ALMEIDA, S. 2019. *Racismo estrutural*. São Paulo, Sueli Carneiro; Pólen. (Coleção Feminismos Plurais)
- LIMA, F. 2018. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. n. 70 (no.spe.): 20-33.
- MBEMBE, A. 2014. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa, Antígona.
- MBEMBE, A. 2016. Necropolítica. *Arte & Ensaios*. n. 32, dez: 123-151.
- MBEMBE, A. 2019. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis, Vozes.
- MEDEIROS, C. V. F. 2018. A filosofia política de Achille Mbembe: racismo e saída da democracia. *Ensaios Filosóficos*. Volume XVIII, dez: 83-96.
- NOGUERA, R. 2018. Dos condenados da terra à necropolítica: diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. *Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía*. n. 03, enero: 59-73.
- PEREIRA, A. K. S. 2017. Intervir no passado performando o tempo: Achille Mbembe e a Crítica da Razão Negra. *História e Cultura*. v. 6, n. 3, dez/mar: 172-192.
- QUIJANO, A. 1992. Colonialidad y modernidad-racionalidad. BONILLA, Heráclito (compilador). *Los conquistados: 1492 e la población indígena de las Américas*. Bogotá, Tercer Mundo Editores.
- QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO.
- RIBEIRO, D. 2017. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, Letramento; Justificando. (Coleção Feminismos Plurais)
- ROBYN, I. 2017. Capitalismo, esquizofrenia e raça. O negro e o pensamento negro na modernidade ocidental. *Topoi*. v. 18, n. 36, set/dez: 696-703.
- SODRÉ, M. 2017. *Pensar nagô*. Petrópolis, Vozes.
- SOMBRA, L. 2012. Filosofia: de que se trata? *Revista Pandora Brasil*. n. 40, mar: 14-21.
- SOMBRA, L. 2015. Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor. *Revista Sísifo*. v. 1, n. 1: 95-114.
- SOMBRA, L. 2017. O Ocidente como problema filosófico. *Revista Ideação*. v. 36: 193-242.